

‘O ESPELHO PERVERSO DO POETA’¹⁹:

A poesia de Donizete Galvão em *O homem inacabado*

‘THE POET’S CRUEL MIRROR’:

Donizete Galvão’s poetry in *O homem inacabado* (*Unfinished man*)

Audrey Castañón de MATTOS²⁰

Márcia Valéria Zamboni GOBBI²¹

RESUMO: O homem que adentrou o século XXI é um homem fragmentado, dividido entre as milhares de possibilidades de sua época e suas amarras históricas, como o trabalho, a velhice, a dor. É um homem em constante processo de conhecimento e de construção de si mesmo. Por meio de uma série de relações intertextuais e do encadeamento quase vertiginoso de ideias e imagens, *O homem inacabado*, de Donizete Galvão, procura apreender esse homem. O objetivo deste artigo é analisar como as infindáveis relações suscitadas pelos poemas quebram a linearidade da leitura, ao modo do hiperlink na internet, e reproduzem, em certa medida, o mosaico de sentidos que o homem é capaz de gerar em sua forma atomizada de relacionar-se com o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia brasileira contemporânea; Donizete Galvão; Relações intertextuais.

ABSTRACT: *The person who entered the 21st century is a fragmented one, divided among thousands of possibilities of their age and their historical constraints, such as labor, old age, pain. This is a person who is in an ongoing process, both of self-knowledge and self-construction. Through a series of intertextual relations and an almost giddy concatenation of ideas and images, Donizete Galvão’s O homem inacabado (Unfinished man) tries to work this person out. This paper aims to analyze how the endless relations raised by the poems break the linearity of reading, as hyperlinks on the Internet do, and reproduce, to some extent, the mosaic of meanings that a person is able to generate in their fragmentary way of relating to the world.*

¹⁹ A expressão é do próprio Donizete Galvão, utilizada em seu “desabafo” “O poeta em pânico”, posfácio da primeira edição de *Do silêncio da pedra*, da editora Arte pau-brasil.

²⁰ Mestranda. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Araraquara – CEP 14800-901 – Araraquara – SP – Brasil – audreymattos@hotmail.com

²¹ Orientadora. Departamento de Literatura. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Araraquara – CEP 14800-901 – Araraquara – SP – Brasil – mvzg@fclar.unesp.br

KEYWORDS: Brazilian contemporary poetry; Donizete Galvão; Intertextuality.

“Mudo”

há um limite
na língua dos homens
quando nenhuma palavra
traduz o tormento
somente grito
gemido
uivo
corte
ferimento
podem dizer
o que não tem
cabimento

Donizete GALVÃO (2010, p. 27).

Introdução

Em seu livro de 2010 – *O homem inacabado* – Donizete Galvão, poeta mineiro de Borda da Mata, volta a apontar seu “espelho perverso” para a alma humana, como já havia feito em *A carne e o tempo* (1997), demonstrando que não há como falar da viagem do corpo através do tempo (ou seria o contrário?) sem que se deixem, ao menos, entrever os carunchos da alma:

“Depois da queda”

Memória do paraíso
não tenho não.
Lembro-me da dor.
Da vergonha.
Do desgosto.
Da gota de suor
pingando do rosto.

(GALVÃO, 1997, p. 39).

O poema acima, aparentemente focado na materialidade do corpo (queda, dor, gota de suor) ao abordar a memória – evidência da passagem do tempo – exprime a relação entre corpo e alma (a memória é o elo entre ambos) e mostra o dilaceramento da

última, marcado, no poema, pela dor, pela vergonha e pelo desgosto. O título, seguido do primeiro verso, evoca o mito bíblico da expulsão do ser humano do paraíso. O fim da unidade com Deus marca o início da luta pela sobrevivência (a gota de suor pingando do rosto) e as conseqüentes chagas da alma.

A tríade corpo-tempo-alma está presente, de modo geral, em grande parte da produção de Donizete Galvão, mesmo nos poemas de *Ruminações* (1999), que têm uma orientação mais concreta por cantarem o cotidiano e os objetos da vida rural. “Escoiceados”, poema de abertura do livro, é um de vários exemplos. Embora se fixe na materialidade do burro – sua cor, seu trote – ou dos corpos de pai e filho que o montavam – “dor nas costelas”, “joelhos esfolados” – é um canto sobre a alma que se exprime tanto pela relação entre pai e filho como pelas marcas deixadas em ambos pela passagem do tempo: “Meu pai e eu. / Os dois/ nunca subimos / na vida.” O recurso gráfico destes últimos versos salienta o escoar do tempo, como a areia na ampulheta que se afunila à medida em que acaba, e acentua a sensação do eu-lírico (aquilo que lhe vai na alma) de finitude da vida:

Meu pai e eu.
O dois
nunca subimos
na vida.

(GALVÃO, 1999, p. 15).

Em *O homem inacabado* Galvão volta a abordar o tema por meio de um amplo diálogo com a mitologia, a música, a pintura, a literatura. No nível interno os poemas constantemente se remetem uns aos outros, seja por abordarem o mesmo tema ou por comungarem o mesmo elemento intertextual. Há um encadeamento vertiginoso de ideias e imagens que fazem desta uma poesia culta e apenas aparentemente singela.

A estrutura do livro reflete as complexas relações entre os homens e entre eles e o mundo, pois recria, pelo artifício da intertextualidade, a forma multifacetada como o próprio homem se liga ao mundo, pelo viés da religião, do trabalho, das relações interpessoais. Esse homem que, “preso no círculo da repetição / morre um pouco / ao fim de cada dia” (GALVÃO, 2010, p. 50) é o mesmo que vive em trânsito, tem sua guerra íntima e sua “desavença com o mundo” (GALVÃO, 2010, p. 53). Note-se que é com antíteses que este homem é cantado. O círculo da repetição, embora motivo de

enfado e de envenenamento por tédio, é também o círculo das relações humanas, a forma como o homem atualiza seus mitos, suas crenças e revê o seu estar no mundo.

Jaa Torrano (1992, p. 20), que fez um interessante estudo sobre a *Teogonia*, de Hesíodo, afirma que “o maior encanto da poesia reside no seu poder de instaurar uma realidade própria a ela, de iluminar um mundo que sem ela não existiria” e que este mundo instaurado pela poesia “é o **próprio** mundo”.

Pois é o próprio mundo que se vê cantado nas páginas deste *O homem inacabado*. Dissemos que o poeta aponta seu espelho perverso para a alma humana. Sim, porque ele lhe desnuda não apenas os sofrimentos, mas, acima de tudo, as frustrações. A frustração é a pedra no meio do caminho que se tenta ignorar. O leitor deste livro se vê obrigado a encará-la, ainda que a tarefa tenha um sabor algo amargo.

Há, entretanto, uma beleza comovente nos versos desta obra de Donizete Galvão, um encantamento produzido pelo reflexo de seu espelho. É que “a dor pode ser bela. E parece que estamos destinados à beleza” (ALVES, 1988, p. 18).

Esse duplo mundo revelado pela poesia de *O homem inacabado* – o “mundo mudo”, que sem ela não existiria, e o “mundo mundo” – desperta sentimentos contraditórios, pois, enquanto acalanta, fragiliza; enquanto encanta, choca. Os versos de “Dupla realidade” abaixo reproduzidos traduzem esta experiência:

apartado de ti
 esse outro recebe
 a lufada de esgoto
 vinda do rio
 com suas águas de chumbo
 no trem, cerra os olhos
 para que a visão crua
 não o fira
 mais do que já foi ferido
 vaga por calçadas
 e busca nos muros motivos
 para essa errância
 que não encontra repouso
 consulta na *obscura religião dos pássaros*
 a razão para cantar com contentamento
 [...]

(GALVÃO, 2010, p. 46-47).

1. Desvendando o homem inacabado: trajetos de leitura

A sensação de provisoriedade e a consciência de fragmentação com que o homem citadino adentrou a modernidade são o *Leitmotiv* dos poemas de *O homem inacabado*. Estilhaçado, dividido, provisório, o homem cantado por Donizete Galvão neste seu último trabalho persegue uma unidade, embora pressinta que a busca é vã. Não obstante, é essa procura infinda que o torna um ser em constante processo de construção de si mesmo.

Em um interessante trabalho de adequação entre forma e conteúdo, a forma como os poemas levam o leitor a produzir múltiplas relações de sentido procura captar o modo como tal homem se relaciona com o mundo.

Há um trajeto de leitura mais ou menos pronto, pois o livro reúne uma série de imagens e ideias que congregam grupos de poemas em torno de um eixo temático: o trabalho, a escuridão, a insônia, a velhice, a efemeridade da vida. Cada eixo temático, entretanto, não constitui um núcleo isolado: os poemas se remetem uns aos outros pela associação de imagens ou de ideias. O recurso da intertextualidade, neste livro, funciona à maneira dos *hyperlinks* na internet, quebrando a linearidade da leitura ao remeter tanto a hipotextos quanto a hipertextos²², de modo que o percurso do leitor é construído por sentidos desvendados a cada poema.

As ilustrações do artista plástico Rogério Barbosa e a epígrafe na abertura do livro, retirada dos *Cadernos de João*, de Aníbal Machado, são os eixos em torno dos quais o projeto temático se erige e a partir dos quais se desenvolve.

As imagens de Rogério Barbosa assemelham-se a radiografias, como se fossem tentativas de captar o interior de algo, do homem talvez. Difusas, porém, tais “radiografias” apresentam um “interior” desconcertante, impossível de ser traduzido ao simples olhar, porque fragmentário e confuso. Como talvez seja a alma desse homem em construção de que falam os poemas de *O homem inacabado*.

A epígrafe revela dois componentes primordiais do livro – sua temática e a forte relação com a obra de onde foi extraída, os *Cadernos de João*, de Aníbal Machado: “A metade que parecia dele ficou a esperar a outra, que se forjava na cidade dividida. Não conseguia juntá-las.” (MACHADO apud GALVÃO, 2010, p. 3).

Por meio dela o leitor é atraído para um jogo intertextual no qual imagens recorrentes na obra de Aníbal Machado se repetem nos poemas de Donizete Galvão e

²² Chamamos de hipertexto, neste artigo, exclusivamente as remissões internas, entre os poemas do próprio livro.

são exploradas de maneira a se ligarem a outras imagens e ideias, esboçando o homem em construção que o poeta pretende mostrar.

Sinaliza, ainda, duas outras características marcantes de *O homem inacabado*: a desorientação do leitor diante da quebra de linearidade da leitura (a descontinuidade é um atributo dos *Cadernos*) que o chama a tecer seu próprio percurso de significações por meio das ligações internas (remissão a poemas do próprio livro) ou externas (outras obras do autor, outros autores ou outras formas de arte, como a música, a pintura e a fotografia). O trecho também resgata o mito platônico da separação do homem em duas metades que se buscariam durante toda a vida, o que aponta tanto para a temática abordada no livro, a da incompletude do ser humano, quanto para o diálogo, que também caracteriza estes poemas, entre a arte contemporânea e elementos da tradição clássica.

A forte presença de elementos dos *Cadernos de João* está associada ao desenvolvimento do eixo temático do livro. A inspiração em determinadas passagens é, algumas vezes, explícita, como a identificação entre o “homem inacabado” de Donizete Galvão e o “Homem em preparativos”, de Aníbal Machado, homem esse que vive amontoando, renovando, corrigindo, experimentando, caindo e se aprimorando; que se quer jamais inaugurado e cujo pavor é “a viagem concluída, a coisa acabada” (MACHADO, 1994, p. 39).

“Fachada”, de *O homem inacabado*, é um diálogo aberto com “O homem e sua fachada”, dos *Cadernos de João*. No poema de Aníbal Machado o processo de auto-conhecimento e de auto-construção é comparado à construção de uma fachada, obra a que o homem dedica todo o tempo de sua vida, sem, no entanto, jamais concluí-la. O poema de Donizete Galvão é uma resposta a essa reflexão. Entretanto, embora ambos os autores coincidam na metáfora da fachada, os dois poemas são antitéticos na medida em que confrontam de um lado, a esperança (o poema de Aníbal) e, de outro, o pessimismo definitivo.

Vejamos como, em Aníbal, o trabalho de construção da fachada, embora possa ser aborrecido, por ser infundável, é desejado pelo eu-lírico que até solicita mais tempo para dedicar-se a ele, apesar da enorme dedicação que lhe custa. Em Aníbal há, ainda, a esperança de sublimação da obra, ao passo que em Galvão todo o trabalho resulta inútil, pois o estado de incompletude acompanha o homem até a sua morte.

“O homem e sua fachada”

Toda a vida **venho reclamando a prorrogação do prazo** para terminar a minha fachada. Não querem atender-me. Nem sei mais o que alegar.

Terminar da noite para o dia, não posso. Mas também **é aborrecido ficar sempre atrás de andaimes** e caminhar para a morte antes de concluir-se a construção.

Ninguém se espantará se eu confessar que talvez não termine nunca a minha fachada. **Tenho adotado diferentes modelos.** Mas logo me aborreço e passo para outro.

[...]

Vou trabalhando nela como posso, dia e noite. Com certa demora, pois há sempre pequenos incidentes. [...]

Mas não desanimo. Minha paciência é grande. Vão ver depois **que esplêndida fachada vai ser a minha.**

(MACHADO, 1994, p. 34, grifos nossos).

“Fachada”

Logo **vai terminar o prazo**

para o homem construir sua fachada.

Ele continua em andaimes.

Provisório.

Exibe máscaras cambiantes.

Sua face inconclusa,

sustentada por ferragens,

parece esconder que,

em todos esses anos de obra,

ergueram-se inúteis plataformas

para edificar um escombros.

(GALVÃO, 2010, p. 9, grifos nossos).

Os trechos destacados mostram a postura marcadamente pessimista do eu-lírico dos versos de Donizete Galvão frente à esperança mal dissimulada do poema de Aníbal, no qual é possível sonhar com a prorrogação do prazo de construção da fachada – a própria vida. Em “Fachada” esse prazo caminha inexoravelmente para o fim. Enquanto isso, o homem **continua** no aborrecido andaime, nada mudou; suspenso em sua provisoriamente, ele termina seus dias isolado e desprotegido – esse sentimento é marcado graficamente pela posição do quarto verso, deslocado em relação aos demais. O homem de Galvão exibe máscaras, enquanto o de Aníbal substitui modelos para fugir ao aborrecimento. O primeiro não é verdadeiro nem consigo mesmo – a fachada que acredita poder tornar esplêndida não passa, ao final das contas, de um escombros.

Outros mecanismos, como a referência explícita, denotam a presença das reflexões dos *Cadernos de João* em *O homem inacabado*. É o caso do “Poeminha para Aníbal Machado”, o qual, além da evocação presente no título, procura reproduzir a aura de mistério característica de diversos fragmentos dos *Cadernos*.

Há ainda o poema “Arquitetura da insônia”, claramente inspirado em “Topografia da insônia”, também integrante dos *Cadernos*. O diálogo entre ambos é instigante, na medida em que se realiza também na esfera formal. “Arquitetura da insônia”, de Galvão, compara o desgastante estado de vigília do insone ao trabalho do poeta artesão. Para descrever, em “Topografia”, o duelo entre a consciência do insone e seu desejo de se entregar ao sono, Aníbal faz uso da “exploração do conteúdo semântico das palavras e de suas possibilidades combinatórias” (ARRUDA, 1992, p. 145²³ apud COELHO, 2009, p. 36), artifício igualmente explorado por Galvão, que faz de “Arquitetura da insônia” uma espécie de arte poética.

Nos dois trabalhos há uma abundância de metáforas para descrever o estado indesejado de vigília como um campo de batalha em que o insone tenta vencer a profusão desorganizada de ideias que avassalam seus pensamentos. Em Galvão tem-se “a palavra perdida” “mergulhada no caos, / sem eixo, sem direção” (2010, p. 32). Em Aníbal as ideias fazem “reuniões à entrada e saída do sono”; “cochicham, brigam, repetem mil vezes coisinhas do dia” e, não satisfeitas em perturbar o sono do poeta, o obrigam a “tomar parte na discussão.” (MACHADO, 1994, p. 96). Em ambos os textos, essas ideias noturnas nunca são palpáveis, não se mostram em sua plenitude, por isso são perturbadoras e reduzem o eu-lírico a um estado de derrota: “A cidade surge sob fumaças / e o insone reconta **detritos**” (GALVÃO, 2010, p. 32, grifo nosso).

“Topografia da insônia”

Como dormir – se ainda existem, acumulados a meu lado,
montes e montes de **bagaços** da vida esperando hora para serem
incinerados?

[...]

Oh, como conseguir a unidade em meu ser? Como pacificar a minha
federação?

(MACHADO, 1994, p. 95; 97, grifo nosso).

²³ ARRUDA, A. L. N. *A interpenetração dos recursos léxicos e sintáticos em João Ternura*. Dissertação de mestrado. FFLCH-USP, 1992.

As imagens evocadas pelas palavras **detritos** e **bagagens** dão conta da desordem mental em que o eu-lírico se encontra nos dois poemas; um tentando dar forma ao seu poema, o outro querendo esquecer os acontecimentos do dia e simplesmente dormir – “não acaba nunca de desenrolar-se essa película interminável, com o negativo de todas as imagens do dia...” – (MACHADO, 1994, p. 94). A imagem suscitada pela pergunta final de “Topografia” – “como conseguir a unidade em meu ser?” – é resgatada por Donizete Galvão no verso final, no qual o insone “reconta detritos”, ou seja, busca estabelecer a ordem no caos de fragmentos herdados da noite passada em claro.

Assim como nos *Cadernos*, em *O homem inacabado* o tema da insônia é recorrente. No poema “Insônia”, sequente ao “Arquitetura”, a linguagem ambígua relaciona o difícil trabalho de capinar à tentativa de conciliar o sono: “Passou a noite na capina. / Quanto mais capinava / mais a tarefa espichava.” O círculo vicioso das noites mal dormidas é cantado com ironia:

Agora o olho desconfiado
 não quer mais dormir
 com receio de trabalho
 dobrado.
 (GALVÃO, 2010, p. 33).

A ideia do homem que passa a noite procurando a melhor posição na cama e que contempla, frustrado, as primeiras luzes do dia, filia-se intimamente à do homem que é cantado neste livro. O corpo dolorido, a sensação de fracasso e a expectativa desesperadora de que tudo se repetirá sem que consiga agir para pôr fim ao seu tormento são metáforas de um “mal estar” no mundo. “Desajeito” se serve do recurso da metaforização de forma ainda mais explícita:

O homem inacabado
 não tem posição
 que lhe traga conforto
 na cama.
 Luta a noite toda
 com o colchão
 sem que seu corpo
 torto possa encontrar
 abrigo.
 O pensamento
 do homem inacabado
 gira em falso

como as rodas de um carro
encravado na lama.
(GALVÃO, 2010, p. 10).

Aqui também há abundância de metáforas, como a associação entre a luta com o colchão ou a busca de posição na cama e a luta do homem no seu dia-a-dia; assim, o sono seria representativo do prêmio a que todos deveriam ter direito após um dia (ou uma vida) de lutas. O não dormir, neste contexto metafórico, sintetiza, portanto, a sensação de inutilidade da vida tal como é estruturada na sociedade moderna, principalmente nas grandes cidades, e de incompletude do homem diante da constatação de que seus esforços não vão além de mantê-lo vivo para que possa executar a jornada do dia seguinte, como mostram os versos deste outro poema:

“A preparação do próximo dia”

O próximo dia,
ainda que não esteja pronto,
já lateja nas têmeoras
[...]
Mesmo que seu nódulo
de sólida amargura
ainda não esteja concluído
[...]
Prova que, embora indesejada,
a segunda-feira virá
nos cegar como havia prometido.
(GALVÃO, 2010, p. 58).

O próximo dia “lateja nas têmeoras” e é “indesejado”, mas o homem não tem saída. Ele “gira em falso” assim como rodas na lama e vive assombrado (“o olho desconfiado”) com a possibilidade de que as coisas piorem e se agarra tenazmente àquilo que já possui e que imagina que é o máximo que pode suportar (o medo do trabalho dobrado).

Nos jogos intertextuais se realiza a complexa arquitetura de *O homem inacabado*. Há um sistema dialógico que ora remete o leitor para o interior do próprio livro, ora para seu exterior. Esse imbricado diálogo independe da ordem em que os poemas sejam lidos. Avanços e retrocessos na leitura são motivados a todo o momento. Em “Relento” (p. 14), por exemplo, o “pensamento gira como um disco riscado” dialogando abertamente com “Desajeito”, em que o pensamento “gira em falso / como

as rodas de um carro” (p. 10). “Relento” remete, ainda, embora sutilmente, ao poema “José” de Carlos Drummond de Andrade (2002, p. 30-32), pois em ambos a agonia do homem moderno é traduzida em ausências e parece jamais atingir seu fim. Enquanto em “Relento” “**ninguém** ouve o gemido / **ninguém** rompe a solidão feroz” daquele homem “no desamparo da queda”, o José de Drummond (2002, p. 31-32) está “**sem** mulher” e “**sem** carinho”. Embora José seja duro e continue sua marcha mesmo sem saber para onde, enquanto o homem de “Relento” é “minado pelo cansaço” e “deita o corpo gasto” na terra, para ambos o trajeto é “interminável”. E se José morresse? – “Mas você não morre, / você é duro, José!” (ANDRADE, 2002, p. 32). Não morre porque “ainda não chegou a hora do repouso” (GALVÃO, 2010, p. 14).

A remissão a “José” abre novas possibilidades de leitura, como a identificação da temática do livro com outros versos de Drummond: “o mundo não vale o mundo” [...] / “o mundo, meu bem, não vale à pena” [...] / “O mundo não tem sentido” (ANDRADE, 2002, p. 271-272).

2. Intertextos: relações com o mundo

Em seu artigo “Mares pequenos – Mares grandes”, Rubem Alves (1988, p. 14), comenta que o leitor de histórias encantadas busca não uma cópia do mundo, mas “as configurações delineadas pelas bordas dos intervalos”, assim como nos desenhos de Escher.

Tal assertiva parece-nos perfeitamente aplicável também à leitura de poesia, já que o encantamento de um poema reside não naquilo que se vê, mas naquilo que se consegue entrever. A comparação com os desenhos de Escher é muito feliz, pois traduz o encantamento do observador diante da descoberta da figura escondida nos contornos daquela que primeiro lhe salta aos olhos e da nitidez de que se reveste enquanto a primeira, a que parecia única, passa por um processo de apagamento até que não se consegue mais olhar o desenho e ignorar o que ele esconde. Nos trabalhos de Escher também é comum a negação do ponto de fuga, o que desorienta o olhar do observador, acostumado a ser direcionado pelas linhas de convergência da figura. É uma desorientação pela qual o leitor de poesia também passa: não há um caminho pronto e seguro a ser trilhado, um significado unívoco em cada verso. Pelo contrário, é preciso

ler e reler e, tal qual diante de um quadro de Picasso, encontrar os pontos de vista de onde se possa melhor admirar o poema.

A poesia de *O homem inacabado* segue a tendência expressionista de desafiar o leitor a ver além da imagem primeira. Em “*Via Mala*”, por exemplo, a menção ao caminho tortuoso, perigoso, estabelece, *a priori*, a relação com o sofrimento humano no percurso pela vida. Há um exagero de imagens que enfatizam esse sofrimento. Por outro lado, em uma leitura metalinguística, perfeitamente possível, “*Via Mala*” refere-se ao trabalho daquele leitor que se sente diante do poema como diante de um desenho de Escher ou de um quadro de Picasso; esse leitor que

Entra na fenda,
vai entre as brenhas [do poema],
tateia a pedra fria,
vagueia entre frestas,
limos e arestas.
[...]
Segue pela *Via Mala*,
vento e chuva na face,
zozzo pela fala
que os abismos lhe sopram.
(GALVÃO, 2010, p. 23, grifo nosso).

“*Via Mala*” reflete o espírito geral deste livro que, desde o início, institui o leitor como um explorador de sentidos, agradavelmente perdido num labirinto em que um verso, às vezes uma palavra, converte-se em fio de Ariadne e redireciona o trajeto da leitura.

Já comentamos que este é um livro repleto de relações intertextuais que estabelecem uma leitura multilinear. A partir de agora pretendemos nos deter com mais vagar no que chamaremos de “pontos de contato” entre a poesia de Galvão e o mundo.

Nosso ponto de partida para analisar mais detidamente este aspecto será, embora pareça contraditório ao próprio espírito do livro (a multilinearidade), o primeiro poema, “Para Evgen Bavcar”, que possui uma série de conexões internas e externas as quais possibilitam o contato, sob o ponto de vista da poesia, entre o leitor e os “fatos” do mundo, como o trabalho, o envelhecimento, as artes.

O título-dedicatória ao fotógrafo cego (Bavcar) é claramente uma menção ao paradigma da percepção – subvertido por Bavcar – segundo o qual há os que veem e os que não veem. O diálogo estabelecido entre esta referência e a tarefa da própria poesia é

muito produtivo, basta retomarmos as palavras de Torrano (1992, p. 20), segundo as quais a poesia **ilumina** um mundo “que sem ela não existiria”, ou, ainda, mencionarmos uma pequena passagem dos *Cadernos de João*: “poeta, recuperador da presença perdida...” (MACHADO, 1994, p. 18).

Para que se ilumine esse mundo invisível é preciso que se assuma uma postura diferenciada de **olhar** ou de **sentir**, como querem os versos de “As garrafas”, um dos hipertextos abrigados no primeiro poema de *O homem inacabado*:

Um modo de olhar
as coisas sem o foco fixo
da fotografia
e da filosofia da mentira.
Um modo de olhar
As coisas com sua irradiação:
A ênfase de asas irisadas.
[...]
(GALVÃO, 2010, p. 41).

O poema acima, por sua vez, permite pelo menos outros dois trajetos de leitura. Um desses trajetos remete a um poema do livro *Ruminações*, também de Galvão. Trata-se da segunda parte dos “Poemas do Caraça”, em que se aborda a necessidade de se descobrir outra essência das coisas, ir além do olhar viciado com que contemplamos o mundo:

A geografia muda
e sua escritura que nos incita
a buscar **palavras que revelem
a aspereza da alma**
[...]
A geografia cega
não se deixa captar
pela mentira das fotos
que multiplicam suas imagens.
Ignora o olhar dos viajantes.
(GALVÃO, 1999, p. 37).

Nos três últimos versos do trecho transcrito de “As garrafas” a menção ao “modo de olhar as coisas com sua irradiação” relembra o trabalho de Evgen Bavcar e sua forma de captar e eternizar imagens que nunca viu, devolvendo o leitor ao primeiro poema do livro, no qual a referência ao “anjo distraído de Klee” (GALVÃO, 2010, p. 7)

explicita a ligação entre os olhares (diferenciados) que Bavcar e Paul Klee direcionam ao mundo. Ao cantarem corpos “incompletos”, “mutilados”, “feridos” ou “colhidos na engrenagem produtora de ruínas”, os versos de Galvão (2010, p. 7) transportam para as palavras o universo fragmentário e distorcido de Klee e o mundo invisível de Bavcar, reafirmando o diálogo entre poesia e imagem.

Os poemas “Um artista do corpo”, “A aparição dos objetos” ou “Atravessar as coisas”, também de *O homem inacabado* (2010, p. 39, 40, 42), são explícitos em relação a esse diálogo e integram as ligações intertextuais internas (os hipertextos) abrigadas no poema dedicado a Bavcar. Transcrevemos, abaixo, alguns versos de “A aparição dos objetos”:

Tirar do ciclo da morte
aquilo que tantos desprezam –
restos, trapos, cordas,
estrados de cama e roupas sujas –
e fazer com que na tela
nova realidade se revele.
[...]

(GALVÃO, 2010, p. 40).

A referência a Klee funciona, ainda, como *link* para os poemas “Parque de Ídolos” e “Parque de Ídolos 2”, ambos do livro *A carne e o tempo* (1997). Além dos títulos homônimos à aquarela pintada por Klee em 1939, seus versos reproduzem o expressionismo do artista suíço: “Parque de ídolos”, por meio da exageração das imagens sobre o envelhecimento e o desejo carnal, “a fome da carne chega à exasperação.” (GALVÃO, 1997, p. 21); e “Parque de Ídolos 2” reconstitui o quadro de Klee pela via da linguagem escrita, acrescentando-lhe da subjetividade do eu-lírico: “fale-me desses íncubos desses anjos tortos desses seres que se desdobram desses demônios presos nos limites [...]” (GALVÃO, 1997, p. 22).

A temática de “Parque de Ídolos”, presente também em outros poemas do mesmo livro (*A carne e o tempo*), como “Retícula”, volta em *O homem inacabado*. É o desamparo pressentido pelo homem diante da sensação de que o corpo, finito, já não acompanha as potencialidades de sua mente, traduzidas em desejos os mais variados.

Em “O corpo desdobrado” o poeta mostra um homem “dividido / entre a aceitação da derrota / e a teia dos desejos / que ainda o enredam” (GALVÃO, 2010, p.

8). É o reflexo (perverso também) de um novo estar no mundo, pois, de acordo com o poeta, o homem velho (e feio) passa a sentir culpa ao contrapor sua velhice à juventude do Outro. Mais do que uma consciência do envelhecimento do corpo é a consciência tardia da finitude da vida e do desperdício do tempo que passou. O homem velho se culpa não por ser velho, mas por dar-se conta de que realmente não viveu; seu desejo de uma segunda chance é traduzido na inveja da juventude alheia:

[...]
 é duplamente culpado
 por ter gasto,
sem se dar conta
 sua quota de juventude
 e invejar agora
 o corpo
 alheio.
 (GALVÃO, 2010, p. 8, grifo nosso).

O uso do recurso gráfico de deslocamento do último verso sublinha a constatação de irreversibilidade da velhice; o corpo alheio – metáfora da segunda chance a que o homem almeja – não faz parte daquilo em que o homem se tornou, está fora de seu alcance.

O tema é tratado com irreverência no poema “Evocação a Príapo”, de *A carne e o tempo*, embora o descompasso entre corpo e desejo seja apontado com igual agudeza. Espécie de *priapeum*, o poema invoca o deus Príapo em favor da manutenção do vigor físico a despeito da idade avançada:

Evoé, deus Príapo.
 [...]
 Dê-nos gozos demorados
 para que sejam esquecidas
 rugas, manchas de pele,
 bulas, farmácias e asilos
 que nos oferta a velhice.
 Livre-nos do mijo nas calças,
 das quimioterapias e escleroses.
 [...]
 Insufle o sangue em nossas veias,
 de forma tal que o músculo, sempre teso,
 esteja a contento de nossas mulheres,
 para que, exaustas e satisfeitas,
 elas ignorem os moços que passam.
 [...]

(GALVÃO, 1997, p. 27).

Apesar do tom de mofa o poema não consegue sufocar o presságio angustiante dos sofrimentos trazidos pela vetustez. Galvão subverte o caráter erótico-festivo dos *priapea* ao cantar, numa atmosfera pseudo brincalhona, a dor do homem diante da perda de sua virilidade, dor tão intensa que ele prefere a morte: “Quando chegar o enfado, /dê-nos o prêmio da morte limpa e **súbita**” (GALVÃO, 1997, p. 27, grifo nosso).

Em *O homem inacabado*, e na obra de Donizete Galvão de modo geral, viver é doer. Galvão não canta um **indivíduo** inacabado, mas um ser coletivo, que, de diferentes modos, compartilha uma espécie de dor universal, como se a vida fosse uma espécie de tragédia. De volta a *O homem inacabado* temos, no poema “Resposta”, a noção da antiguidade desta dor:

Na infância, o que se grava na carne permanece.

O sentimento de humilhação por se sentir

torto

fraco

desastrado

quatro-olhos.

Aprende-se a viver inacabado,
a esconder, constrangido, o corpo
nas penumbras.

Como querer que o homem velho,
com sua parca energia já gasta,
mude o registro consolidado?

Como querer que ande horas sob o sol
e faça exercícios vigorosos
como se fora um ginasta?

(GALVÃO, 2010, p. 29).

A sensação de isolamento – marcada, novamente, pelo recurso gráfico do deslocamento dos versos – acompanha o homem desde sempre. A atualização de elementos da tradição clássica para abordar esta temática é bastante significativa, pois ao mesmo tempo em que relaciona Vida à Tragédia, salienta o caráter ancestral do sofrimento humano diante das mesmas questões.

O poema “Filoctetes” (p. 11), para mencionar outro exemplo, fala de uma ferida aberta que jamais cicatriza e da dor – “empecilho” e “veneno” – cuja companhia ninguém quer. Tal dor refere-se antes ao banimento do guerreiro Filoctetes que à ferida

provocada pela serpente em seu pé; seu isolamento na ilha de Lemnos é uma metáfora, no poema, da condição humana, da sensação de solidão, da dor universal.

No poema “Nós e Filoctetes”, de *A carne e o tempo* (1997), essa metaforização é mais explícita do que no poema de *O homem inacabado*, onde se tem que ler nas entrelinhas. “Nós e Filoctetes”, longo poema ao estilo de Drummond, descreve um dia de lida na fazenda, as velhas rotinas, sob o ponto de vista do neto que observa e ajuda a avó. As imagens do poema são de comovente beleza plástica, suscitadas pela menção do entardecer, dos ruídos cotidianos, da chaleira no fogão de lenha. O menino presente a dor da avó em meio aos gestos mecânicos e presente que aquela dor faz parte de sua herança:

[...]
 Nas conversas com o vento,
 sabia que um dia abriria em mim
 a mesma ferida que consigo trazia?

Nas súbitas aparições de santos,
 antevia os mesmos pingos de melancolia,
 impressos nas correntes dos genes,
 a memória da dor gravada nos neurônios?

Seriam também meus os vincos de sua carne triste?

Se acaso soubesse disso, me avisaria
 que nem pó de carvão, nem água boricada,
 nem mesmo a visita do filho de Aquiles
 fechariam a ferida que nós dois possuíamos?
 (GALVÃO, 1997, p. 49).

No homem contemporâneo essa sensação dolorosa se potencializa. Diante de tantas escolhas a serem feitas, pesa-lhe mais a consciência de que não pode ter tudo – justamente por desejar ter e, mais ainda, por entender como justo que tenha tudo. Em meio às dicotomias do mundo moderno a mais atormentadora é aquela que divide o ser humano entre a necessidade de trabalhar para sobreviver e o desejo de ser livre. O mundo do trabalho é gerador de uma série de neuroses: alijar-se dele para ser livre é impossível, desde que no mundo capitalista a liberdade é um produto à venda; integrar-se implica em trilhar caminhos bifurcados que obrigam a escolhas fundamentais, como a carreira ou a família; o prazer ou o dinheiro. Quando perfeitamente integrado, o homem acostumado aos frutos de seu trabalho encara o pavor do desemprego iminente.

Esses sentimentos contraditórios e angustiantes são tema dos dois poemas abaixo, colocados lado a lado para que melhor sejam confrontados:

“Mística do trabalho”

O homem põe seu corpo
no artefato que fabrica.
Veias, suor e respiração
a serviço da monotonia.
O homem gasta seu tempo
E o coloca dentro dos objetos.
Preso no círculo da repetição
morre um pouco
ao fim de cada dia.
(GALVÃO, 2010, p. 50).

“Desemprego”

Um susto.
Próximo à catraca do metrô
um homem se vê, de súbito,
batendo as mãos
nos bolsos em busca
do crachá.
(GALVÃO, 2010, p. 54).

Por isso, o envelhecimento é causa de tanto sofrimento. Mais que a decrepitude do corpo o homem lamenta a consciência pujante de que a existência não tem sentido. Esse sentimento está relacionado também com o trabalho, pois na velhice se é obrigado a confrontar ou a aposentadoria – como viver depois dela se todo o sentido estava no trabalho? – ou a constatação de que o mundo caminhou mais rápido do que se pôde acompanhar e que já não se tem serventia. “Depreciação” (GALVÃO, 2010, p. 55) é um poema que constata essa crise e remete aos versos de “Fora de linha”, do livro *Ruminações* (GALVÃO, 1999, p. 61). Abaixo, os dois poemas. O grifo é nosso.

“Depreciação”

De hoje em diante
não irás ganhar o pão
com o suor do teu rosto.
Não precisarás mais de rosto.
Nem de suor.
Nem de um corpo.
De hoje em diante
a máquina imperfeita
de teus músculos
será mais um objeto
em desuso.

“Fora de linha”

Os homens obsoletos foram dispensados
como candidatos a recrutas, por excesso de contingente.
[...]
Os homens obsoletos **cumpriram as exigências:**
faculdade, inglês e cursos de pós-graduação.
[...]
O mercado não absorve os homens obsoletos,
pois não existe demanda para a exportação.
[...]
Os homens obsoletos caíram em desuso
como os chapéus, as galochas e o jogo de bilboquê.

3. “Anedota japonesa”: uma síntese possível

A título de conclusão, segue uma breve análise do poema “Anedota japonesa”, que, a nosso ver, sintetiza as diversas facetas da poesia de *O homem inacabado*, seus jogos intertextuais, sua tendência expressionista, sua erudição e, acima de tudo, sintetiza o mundo de que essa poesia fala. Um mundo repleto de antagonismos que obrigam o homem a constantes escolhas, que o tornam um ser dividido e, por isso, inacabado, tanto devido ao permanente processo de construção de si mesmo quanto por sentir-se incompleto.

O poema constrói-se em torno de seis ícones. O primeiro, o Japão, referenciado no título, representa metonimicamente o mundo poético de *O homem inacabado*, por ser um país em que as contradições são claras; uma sociedade tecnológica e consumista, obstinada pelo trabalho (tema caro a este livro de Galvão) e que mantém, ao mesmo tempo, velhas tradições e o que elas trazem em seu bojo, como preconceitos e moralismos.

O aquário de Osaka, considerado o maior do mundo, aparece no poema como síntese da capacidade criadora do homem e, ao mesmo tempo, de sua pequenez diante do universo. Kaiyukan, é este o nome do aquário, abriga, em um gigantesco complexo, cerca de trinta mil seres vivos, além do maior peixe do mundo e é uma tentativa de reprodução do ecossistema do chamado Anel da vida, localizado no Pacífico. O olhar crítico do poeta, entretanto, denuncia seu mecanicismo e artificialismo e os baldados esforços do homem em equiparar-se à natureza – para ele, os peixes de Kaiyukan são **mecânicos** e **raros** (poucos, não incomuns).

Os versos “seu terno de vidro quebrou / no armário de espanto” (GALVÃO, 2010, p. 12) relacionam-se à própria Poesia, ao olhar do poeta para o mundo. O “terno de vidro” do “José” de Drummond, agora quebrado, denuncia a perene fragilidade do homem. Sua frágil carapaça não resistiu e quebrou, para espanto do poeta – mas não o espanto gullariano, aquele diante do belo, mas ante a tristeza quase obscena da vida.

Daí o corvo – ave que para algumas culturas é símbolo de maus presságios – ser outro ícone do poema. Será, talvez, o mesmo corvo de Poe, que atravessou os séculos e pousou na contemporaneidade, agora com bico de aço, tanto mais contundente quanto o tempo em que agora vive. Seu incansável *never more* – fonte de inquietação e desespero – agora ressignificado, aponta para o caminho sem volta em que o homem marcha, tal qual o José drummondiano, sem saber exatamente para onde.

“As vísceras de Mishima” – diz o poeta – “pulam debaixo da cama”, assombram o homem em seu momento de recolhimento e de repouso – aqui se tem a retomada de outro tema caro a este livro, a insônia. Ao evocar o ritual funesto do Seppuku²⁴ (ou Harakiri) cometido pelo escritor japonês, o poeta novamente confronta as contradições do mundo moderno, confronto que se complementa no fato de Mishima ter sido um amante do Kabuki, arte antitética por natureza, que reúne o elegante e o vulgar, o cômico e o trágico (HANDA, s.d.).

Finalmente, o dístico final, que tanto pela temática quanto pela sonoridade remetem aos “Versos íntimos” de Augusto dos Anjos, o poeta aponta para o destino inexorável do homem, a solidão, o sentimento de fragilidade diante da imensidão do mundo.

A temática da antítese se concretiza também por meio da forma neste poema que é estruturado em dísticos com primazia de redondilhas maiores, ou seja, serve-se da medida velha para versejar o novo.

Ademais, todos os ícones selecionados pelo poeta relacionam-se de algum modo, ao exagero: o maior aquário; o maior peixe do mundo; armário de espanto; vísceras sob a cama; corvo com bico de aço; a imensa Tóquio – revelando profunda sintonia com a tendência expressionista que perpassa toda a poesia de *O homem inacabado*.

Tal é a leitura que o poeta faz do mundo, a partir do microcosmo Japão. As contradições que ainda abalam e angustiam o homem, o progresso agressivo, a pseudo-evolução, afiguram-se-lhe como piada de mau gosto, como anedota – a “anedota japonesa” que pode ser lida como “anedota universal”:

“Anedota japonesa”

Peixes mecânicos nadam,
raros, no aquário em Osaka.

Seu terno de vidro quebrou
no armário de espanto.

Um corvo com bico de aço
volta a furar seu cérebro.

²⁴ Tradicional forma de suicídio japonês, em que o suicida corta o ventre à lâmina, expondo as vísceras. Segundo a tradição o rito é executado em nome da honra ou para salvaguardar a família do suicida de uma grande vergonha.

As vísceras de Mishima
pulam debaixo da cama.

Nenhum cão na imensa Tóquio
ganirá por sua solidão.
(GALVÃO, 2010, p. 12).

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. Mares pequenos – mares grandes. In: MORAIS, R. de. (Org.). **As razões do mito**. Campinas: Papirus, 1988.
- COELHO, M. A. **Entre a pedra e o vento**: uma análise dos contos de Aníbal Machado. 2009. 236f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2009.
- ANDRADE, C. D. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GALVÃO, D. **A carne e o tempo**. São Paulo: Nankin, 1997.
- _____. **O homem inacabado**. São Paulo: Portal, 2010.
- _____. **Ruminações**. São Paulo: Nankin, 1999.
- HANDA, F. Uma forma de teatro popular estilizado. Disponível em: www.culturajaonesa.com.br Acesso em 14/03/2011.
- MACHADO, A. M. **A arte de viver e outras artes**: Cadernos de João, ensaios, crítica dispersa, auto-retratos. Rio de Janeiro: Graphia, 1994.
- TORRANO, J. O mundo como função de musas. In: HESÍODO. **Teogonia**. A origem dos deuses. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1992. p.11-101.

Artigo recebido em 29/04/2011

Aceito para publicação em 07/06/2011